

Rio, um abismo social

(Fernando Canzian)

RIO - A corrupção policial e o grau de miséria nas favelas cariocas são as principais dificuldades para a política de "pacificação" das áreas dominadas pelo crime organizado no Rio. Passada a fase "quente" dos últimos dias, os dois problemas vão ficando cada vez mais claros e enormes. Foi a polícia corrupta do Rio quem permitiu a instalação de grupos criminosos nas favelas e quem os armou, haja visto o poderoso arsenal apreendido recentemente. Depois, foi essa mesma polícia quem se transmutou nas milícias que hoje achacam moradores em troca de "proteção".



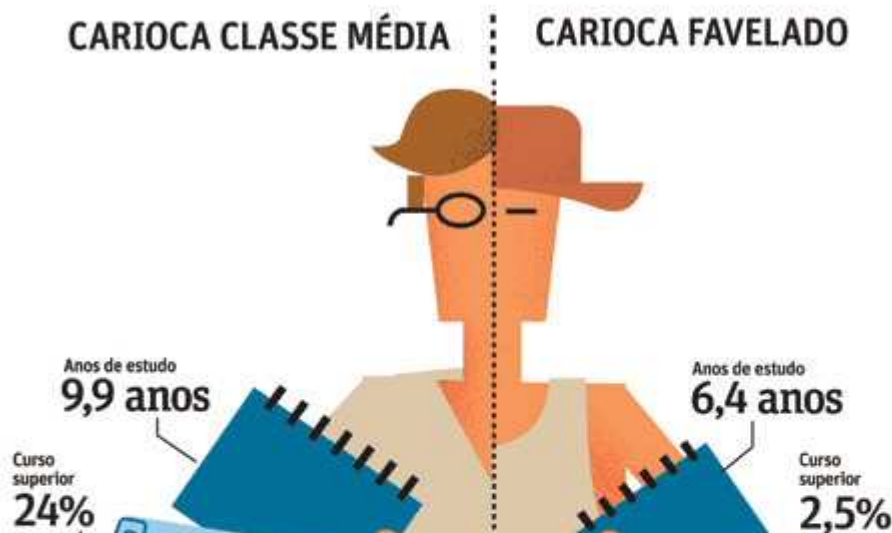
Vista das favelas Pavão e Pavãozinho, que ficam próximas às areias de Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro. Iniciado o processo de "limpeza" dessas áreas, dificilmente as autoridades voltarão atrás. Há Copa e Olimpíadas no calendário e interesses políticos e comerciais enormes por trás da "pacificação". Algumas das áreas de favela no Rio estão no coração da cidade, a poucas centenas de metros de praias e em áreas extremamente valorizadas como Copacabana, Ipanema e Leblon. O mercado imobiliário e financiadores de campanhas políticas estão atentos a esse processo. Apenas dois mil homens estão hoje lotados nas UPPs que pretendem expulsar o tráfico da cidade. A Secretaria de Segurança quer mais 12.500 para um total de 40 UPPs. É de se esperar que parcela importante desses novos policiais caia no mesmo redemoinho que levou outros a interagirem com o tráfico. Não existe nenhuma razão para que isso

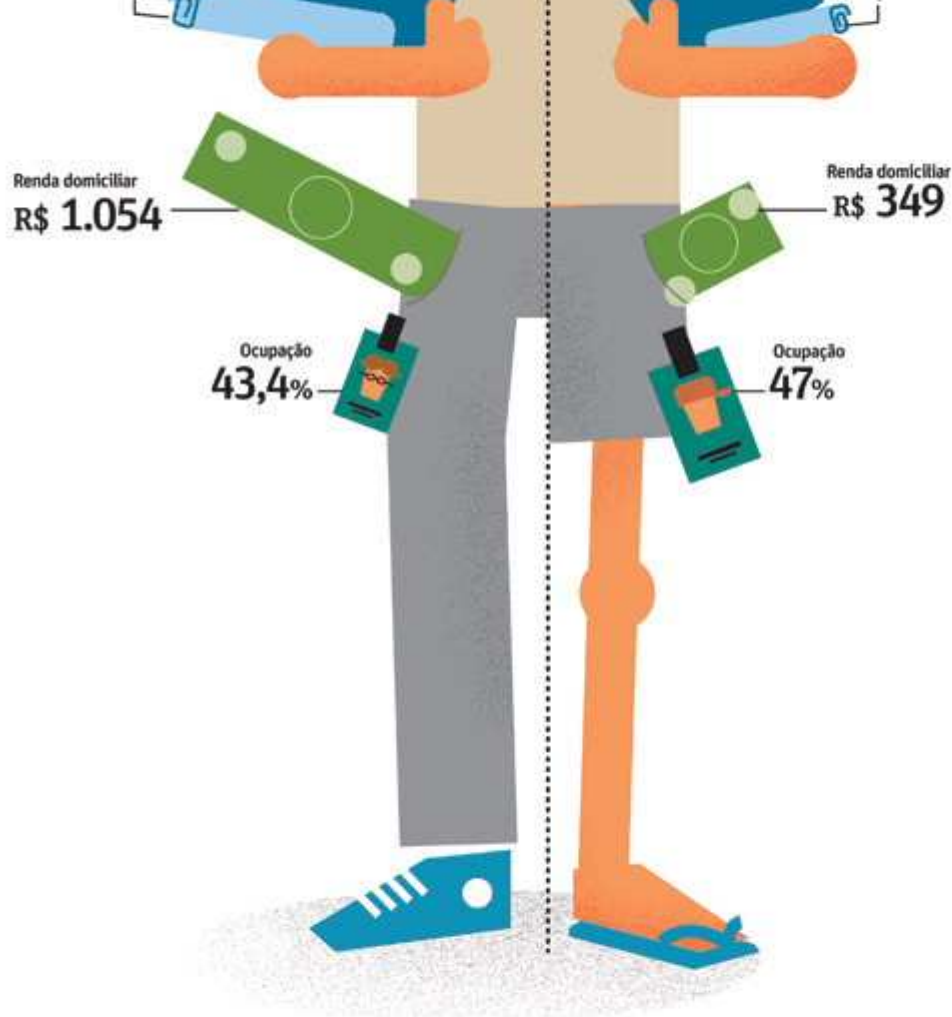
não ocorra. Mesmo que isso se dê de forma mais "mansa", não permitindo mais a ostentação de armas e o controle total por parte dos traficantes, é de se esperar que, no mínimo, o crime organizado apenas mude de endereço.

Colar à venda em shopping do Rio de Janeiro faz da imagem de favela um objeto de consumo. É na distante zona norte e região da Baixada Fluminense onde se concentram o maior risco de migração. Longe da classe média e dos holofotes da mídia, são áreas que poderão acolher a criminalidade (e a corrupção policial) sem maiores "danos colaterais" aos políticos. Mais ou menos como já ocorre na Grande São Paulo, onde a classe média "formadora de opinião" vive ilhada, alheia e distante do que acontece diariamente nas distantes periferias. A outra dificuldade é o abismo de indicadores sociais que separa os cariocas do "asfalto" dos "do morro". Sem integrar essas "duas sociedades", dificilmente a política de pacificação dará certo no longo prazo. Segundo estudo divulgado há poucos dias pela FGV-RJ, é chocante a perspectiva de vida dos milhões que hoje vivem nas favelas do Rio. O dado mais impressionante (ver abaixo) é que jovens da classe média e das favelas começam a vida por volta dos 20 anos ganhando praticamente a mesma coisa, cerca de R\$ 250 ao mês. Mas, com o passar dos anos, o favelado mantém, até depois dos 60 anos, um rendimento médio que não passa de R\$ 600. Na classe média, ele vai subindo durante a vida, até chegar, após os 60, a uma média mensal de R\$ 1.727.



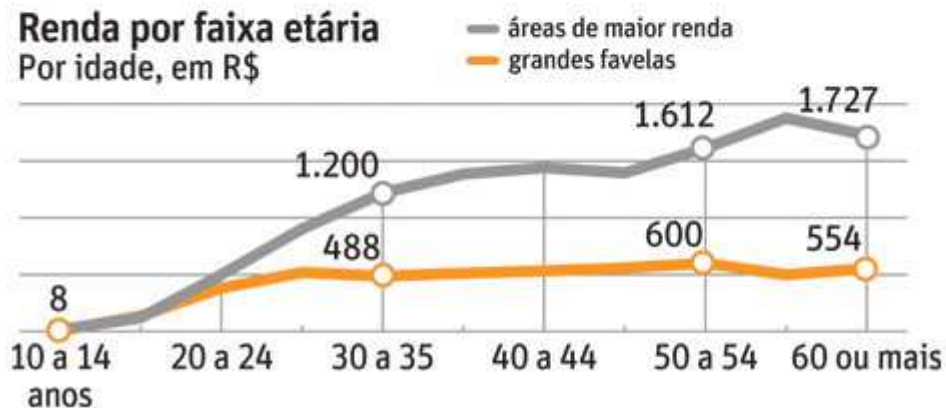
A chave é a educação. Na comparação com a classe média, apenas 10% dos favelados chegam à universidade (24% a 2,5%). E o total de anos passados na escola é 1/3 menor (9,9 anos a 6,4) entre os que vivem nas favelas. É ótimo que o Rio ataque o problema do crime organizado nas favelas. Mas, como sempre, o buraco é bem mais embaixo.





Renda por faixa etária

Por idade, em R\$



Fernando Canzian é repórter especial da Folha. Foi secretário de Redação, editor de Brasil e do Paineiro correspondente em Washington e Nova York. Ganhou um Prêmio Esso em 2006 e é autor do livro "Desastre Global - Um ano na pior crise desde 1929". Escreve às segundas-feiras na Folha.com.